

Editorial

Conforme anunciado em nosso último número, esta é primeira vez que esta revista vêem a público com o subtítulo “Crítica e Modernidade”: *Cadernos de Filosofia Alemã. Crítica e Modernidade*. Trata-se de um pequeno ajuste formal a uma necessidade que vinha sendo sentida pelos editores, e a uma realidade que já vinha sendo percebida pelos leitores: a inclusão, em nossa pauta, de artigos não necessariamente vinculados à filosofia alemã, mas voltados à reflexão sobre questões que, de um modo geral, se ligam à compreensão da modernidade, entendida esta em seu sentido mais amplo.

Um bom exemplo dessa amplitude é fornecido pelo artigo que abre o presente volume: “Afimal, para que serve a Filosofia Medieval?”, de José Carlos Estêvão. Aparentemente voltado a um tema que nada tem que ver com a filosofia alemã ou a modernidade, o texto procura mostrar o quanto a filosofia moderna, em particular o pensamento de Immanuel Kant, têm suas raízes no modo como os escolásticos medievais, reelaborando as aporias da física e da metafísica dos antigos, teriam estabelecido as próprias condições de possibilidade do pensamento moderno.

Já o artigo seguinte, da argentina Micaela Cuesta, aborda um tema que, de fato, vincula diretamente a filosofia alemã e a modernidade: “Sobre la *idea* de história en Walter Benjamin”. Partindo das críticas dirigidas pelo autor alemão aos modos tradicionais de relacionar o conhecimento presente ao passado, a autora desenvolve uma análise das noções que serviriam para estabelecer um conceito dialético e materialista de história, chamando a atenção para a centralidade de conceitos como temporalidade, fim e felicidade.

O terceiro artigo deste volume, de Leonardo Rennó Santos, intitula-se “Sobre ‘despertares’ e revoluções” e propõe uma interessante reflexão sobre o quanto a atitude crítica de Kant dependeu, para constituir-se, não apenas do conhecido impacto exercido sobre ele pela leitura de David Hume, mas também, e de modo não menos importante, pela leitura de Jean-Jacques Rousseau. Somente essa dupla influência teria possibilitado, segundo Santos, o estabelecimento de tal atitude como real alternativa à postura dogmática nos assuntos metafísicos.

A seção de artigos se encerra com um texto escrito a quatro mãos por Joel Anderson, da Universidade de Utrecht, e Axel Honneth, conhecido representante da atual geração da teoria crítica. "Autonomia, vulnerabilidade, reconhecimento e justiça" foi traduzido do inglês para os *Cadernos* por Nathalie Bressiani, que também escreveu uma introdução ao artigo. Trata-se de um texto que, conforme sublinhado por ela, aponta para a importância das relações de reconhecimento no âmbito de uma visão geral crítica acerca das concepções liberais de autonomia, excessivamente centradas no individualismo.

A exemplo de nosso número anterior, que retomava com isso uma antiga tradição dos *Cadernos*, o presente volume inclui uma entrevista. Luciano Codato conversou com José Arthur Giannotti a respeito de seu mais recente livro, *Lições de filosofia primeira*, e o resultado da conversa é apresentado aqui, sob o título "Lições de Giannotti sobre lógica e ontologia". Quer para quem acompanha há anos a trajetória do "filósofo municipal" (tal como ele gosta de intitular-se), quer para quem está começando a ler sua obra a partir do último livro, trata-se de uma boa oportunidade para vê-lo refletir sobre algumas de suas principais ideias.

Duas resenhas complementam este número dos *Cadernos*: em "Maquiavel: a política e sua aplicação", Francisco Prata Gaspar analisa o livro de J.G. Fichte *O pensamento político de Maquiavel*, recentemente reeditado pela Hedra na clássica tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. Embora reconheça o caráter datado da obra, de 1807, Gaspar salienta a possível atualidade do texto em vista dos impasses enfrentados hoje pelo direito internacional e suas instituições.

Em seguida, Fernando Moledo, da Universidade de Buenos Aires, faz um comentário à primeira parte do volume 30 do *Kant-Index*, dedicado ao *Direito Natural Feyerabend*, curso ministrado por Kant em 1784 e preservado nas anotações do aluno Feyerabend. Trata-se, no caso, dos termos que correspondem à "Introdução" desse texto – a mesma que publicamos no número XV dos *Cadernos* – e Moledo os analisa chamando a atenção tanto para o riquíssimo trabalho editorial de Hinske e Kreimendhal, responsáveis pelo *Kant-Index*, como para o quanto esses termos fornecem pistas para compreender a evolução da filosofia moral kantiana nesse período decisivo que são os anos 1780.

Esperamos que o nosso leitor tenha boas experiências no presente volume, e siga acompanhando os *Cadernos de Filosofia Alemã*,

agora *Cadernos de Filosofia Alemã. Crítica e Modernidade*, com o mesmo espírito crítico e reflexivo com que sempre os acompanhou. A filosofia alemã segue sendo um de nossos principais pontos de apoio para o fomento da discussão filosófica, mas deixou de ser o único, na medida em que a compreensão filosófica da modernidade exige o convívio de perspectivas que, por ventura, deitem raízes em outros solos da história filosófica.